

As discussões envolvendo as questões de gênero têm acontecido de forma cada vez mais freqüente, evidenciando sua necessidade diante de uma sociedade marcada pela separação sexual dicotômica.

Dentro do PPGTE (Programa de Pós-Graduação em Tecnologia), o GETEC (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Tecnologia), se mostra inovador, localizando suas pesquisas no espaço de intersecção entre as questões de gênero e a tecnologia de forma interdisciplinar, considerando a tecnologia como uma construção sócio cultural e não localizada somente nos artefatos, de forma estanque.

Neste contexto, organiza-se mais um número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia. Esta publicação tem contribuído na ampliação e consolidação do campo de estudos de gênero no Brasil, veiculando resultados de pesquisa na área e viabilizando a difusão desses conhecimentos de forma responsável e cidadã. No presente número, os cadernos promovem uma discussão no entorno de dois assuntos. Por um lado, enfocando o universo do trabalho (público) em que a mulher está hoje inserida, de onde vêm informações de hierarquias impostas por construções culturais e por outro, o universo do lar (privado), em que a mulher desempenha também alguns de seus múltiplos papéis.

O primeiro artigo apresenta uma consistente discussão sobre a divisão sexual do trabalho. Para promover esta discussão, os autores analisam seus dados a partir de entrevistas realizadas com trabalhadores e trabalhadoras da área de produção e da área de RH, em uma indústria de eletrodomésticos de Curitiba. Nestas entrevistas, os autores procuram também identificar a percepção dos próprios trabalhadores e trabalhadoras em relação às suas condições dentro do processo produtivo e da empresa. Inserindo-se no contexto do capitalismo contemporâneo, a pesquisa relatada neste primeiro artigo, revela a condição subalterna da mulher em relação ao homem, evidenciando cargos e remunerações diferentes para ambos.

Mesmo sob a lógica do discurso das novas formas de organização da produção, em que se vê a intensa utilização de novas tecnologias voltadas a uma utópica ampliação de maiores oportunidades de inserção da mulher no âmbito das empresas, a função desta mesma mulher continua subordinada à hierarquia da produção, em princípio masculina. Esta evidência desta pesquisa traduz a paradoxal continuidade na discriminação e exploração da mulher trabalhadora.

No segundo artigo, a pesquisadora Lourdes Fernández Rius, da Universidade de Havana, Cuba, relata uma pesquisa sobre a violência "invisível" existente na cotidianidade de casais. A partir da convivência, demonstra que nem sempre esta relação está permeada de fantasias de êxtase e amor, mas que muitas vezes sustentam interações de servidão e dominação. As ações do patriarcado de coerção ainda se mostram presentes, numa tensão entre o tradicional e o inovador.

Em seu artigo, a pesquisadora postula que ainda vivemos num tempo

onde não conseguimos nos desvencilhar da idéia do “feminino” ligado às questões de procriação, seguida de uma sacrificante maternidade, ao mesmo tempo em que este mesmo “feminino” estaria ligado culturalmente à doçura, à delicadeza, aos sentimentos, à intuição, à paciência, à generosidade. Seria este o sinônimo de feminino? Que mulher pode sustentar todos esses papéis? E o que fazer com o paradoxo entre “estar boa” e “ser boa”?

Esta suposta resignação ao que se entende por “feminino” e, também, por “masculino” deve mudar o rumo das construções simbólicas e promover uma revolução cultural nas relações sociais. Segundo a autora, ser mulher atualmente é participar da recuperação de sua sexualidade através do resgate de seu corpo, longe das tiranias culturais e vulnerabilidades. Dos homens se espera a capacidade de viver em igualdade e não em supremacia, do aceite da possibilidade da vulnerabilidade e da expressão abstrata e emotiva.

Esperamos que as reflexões aqui reunidas ajudem a situar, compreender e avaliar, de forma mais criteriosa e circunstanciada, as questões de gênero, nas quais não somente as mulheres estão vulneráveis às construções simbólicas culturais, mas também os homens.

Luciana Martha Silveira
Março, 2008